

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela coexistência de múltiplas culturas. Essa variedade é muito importante, pois observando as práticas e tradições de outros povos somos levados a refletir sobre a *solidariedade* à qual pertencemos. Afinal, será que são gratuitas as diferentes formas de organizar a vida social, de conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.
Atena, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes
Brasília, março de 2021

SUMÁRIO

PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

CAPÍTULO 1	1
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
CAPÍTULO 2	12
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
CAPÍTULO 3	19
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
CAPÍTULO 4	28
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
CAPÍTULO 5	39
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
CAPÍTULO 6	47
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
CAPÍTULO 7	59
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

CAPÍTULO 8	76
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
DOI 10.22533/at.ed.6772119048	
CAPÍTULO 9	92
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
DOI 10.22533/at.ed.6772119049	
CAPÍTULO 10	101
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
DOI 10.22533/at.ed.67721190410	
CAPÍTULO 11	116
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
DOI 10.22533/at.ed.67721190411	
CAPÍTULO 12	130
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
DOI 10.22533/at.ed.67721190412	
CAPÍTULO 13	147
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67721190413	
CAPÍTULO 14	165
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECA, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
DOI 10.22533/at.ed.67721190414	

CAPÍTULO 15	178
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190415	
CAPÍTULO 16	189
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
DOI 10.22533/at.ed.67721190416	
CAPÍTULO 17	199
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.67721190417	
CAPÍTULO 18	211
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190418	
CAPÍTULO 19	220
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190419	
CAPÍTULO 20	232
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.67721190420	
CAPÍTULO 21	241
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67721190421	

CAPÍTULO 22	254
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842	
João Eduardo Jardim Filho	
DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS	
CAPÍTULO 23	268
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Pau de Solà-Morales	
DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
CAPÍTULO 24	288
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Anna Royo Bareng	
DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
CAPÍTULO 25	307
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO	
Ricardo Anguita Cantero	
DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
SOBRE A ORGANIZADORA	317
ÍNDICE REMISSIVO	318

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 15/01/2021

Jordi Sardà Ferran

Dr. Arquitecto. Centre de Recerca Urbana del Camp. ETSAR. Universitat Rovira i Virgili

Josep M. Solé Gras

Centre de Recerca Urbana del Camp. ETSAR. Universitat Rovira i Virgili

Anna Royo Bareng

Centre de Recerca Urbana del Camp. ETSAR. Universitat Rovira i Virgili

RESUMEN: Esta investigación forma parte de una tesis doctoral que apuesta decididamente por la validez de la postal como vehículo de conocimiento urbano. En este sentido, a partir de la construcción de cinco relatos gráficos estructurados a partir de una lectura comparada, plantea desvelar el conflicto urbano como motor del cambio y la transformación. Como principales valedores de la pugna motriz, el anhelo de alcanzar la ciudad ideal y la imposición, no siempre pacífica, de la crónica urbana. En otras palabras, el devenir entre el relato de la voluntad y el peso de los hechos, entre el proyecto y la realidad. Todo, a partir de imágenes de postales.

PALABRAS CLAVE: Ciudad ideal, crónica urbana, postales, historia urbana.

ABSTRACT: This research is part of a doctoral thesis that is firmly committed to the validity of the postcard as a vehicle for urban knowledge.

In this sense, based on the construction of five structured graphic stories based on a comparative reading, he proposes to reveal the urban conflict as a motor of change and transformation. As the main supporters of the motor struggle, the desire to reach the ideal city and the imposition, not always peaceful, of the urban chronicle. In other words, the becoming between the narrative of the will and the weight of the facts, between the project and reality. Everything, from postcard images.

KEYWORDS: Ideal city, urban chronicle, postcards, urban history.

1 | PRESENTACIÓN

Solo Imágenes, La tarjeta postal vehículo de conocimiento urbano es el título de un trabajo de investigación que cuajó en su día en una Tesis Doctoral. En el segundo capítulo, *Lecturas comparadas*, se comprobaba la capacidad narrativa y discursiva de las imágenes. La comparación que aquí presento *La ciudad ideal versus la crónica urbana* propone confirmar *la postal* como objeto de deseo y de crónica, que narra cómo quiere ser vista *la ciudad* y, a la vez, lo que le acontece. Es *imagen* de voluntad y de memoria, en efecto.

Las imágenes que la ciudad propone, de sí misma, son de *deseo* y, a la vez, de **crónica urbana**. La postal lo sabe y actúa en consecuencia. ¿Qué es una **Ciudad Ideal**?, ¿de qué está hecha?, ¿lo es por su composición y forma o por su significado y contenido? Si de

un proceso de perfeccionamiento se tratase, sólo serían *ideales las viejas ciudades*, que podrían transmitir los atributos de su obsoleta urbanidad a nuevos tejidos -reformados o añadidos- estableciendo con ellos continuidad y complementariedad. Pero si la idealización es innovación y reto, sólo las nuevas podrán ser consideradas ideales. De hecho, todas las que han sido objeto de proyecto -*San Petersburgo, Camberra o Brasilia*- han dado, explícita respuesta, a la pregunta inicial. Pero también en su renovación y continuidad -obligatoria- *las viejas ciudades*, lo han hecho. Ahora las *nuevas ciudades ideales* son los campamentos de refugiados. Pero de ellas, no hay postales.

Mientras tanto, la postal - sobre todo la pionera – se otorga a sí misma la condición de **crónica urbana**, y la efectúa con agilidad y eficacia. Parece que, en la imagen-testimonio, la noticia tiene una vigencia superior a la de otros medios y, por tanto, **la crónica**, un recorrido largo. En efecto: la postal de *San Francisco* que narra -en imágenes- *El Terremoto de abril de 1906* se envió en noviembre de 1908 -dos años más tarde-. No es siempre así. *J. Eveillard*, en la exposición permanente del *Cartopole de Baud*, muestra, al contrario, una postal “*diligente*”: la de un naufragio en las *Costas de Bretaña*.

Fue enviada sólo siete días después de la catástrofe. Alguien -atento a la noticia- cogió cámara y trípode, hizo una o más placas de vidrio que, reveló e impresionó, y produjo una tirada de postales. Alguien la envió. Alguien la recibió. Todo, en sólo cinco días. Y alguien la guardó por más de cien años. Es la manifestación explícita de la voluntad de la postal: de ser **crónica** y de su capacidad para ejercerla, con fidelidad, objetividad y extrema diligencia. Así, entre las imágenes de **la ciudad ideal** y las de **la crónica urbana**, se establece, gracias a la aparente distancia entre los conceptos planteados, una comparación plausible y adecuada, aunque no siempre previsible.

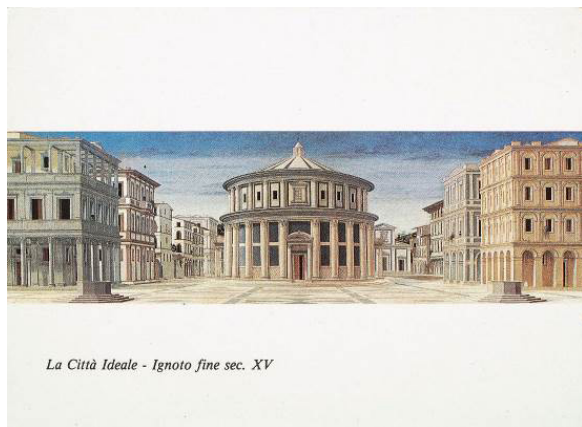


Fig. 1a. La Città Ideale. Ignoto fine sec. XV.
Urbino. Palazzo Ducale
 Ed. Fotocolor Kodak Ektachrome.
 150 x 110 mm.
 C.M. 2004



Fig. 1b. The burning Call Building,
San Francisco, California.
A magnificent spectacle of the disaster
of April 18 20, 1906
 Foto: W. J. Street.
 Ed. Cardinell-Vincent
 Co. 137 x 88 mm.
 T.H. 2007

Comparación 1



Fig. 2a. Milano. Grattaciello Velasca

Ed . Giese . 148 x 102 mm

C.M. 2006

Cara M^a Luisa,

Desde *Babel*, **las torres** quieren vencer la atracción de la tierra y tocar el cielo. Son siempre espirales -casi infinitas- que elevan su cabeza tanto como pueden -cuanto más ligeras, más altas- contando con la anchura de los pies como eficiente contrapeso. *La Velasca*, casi no parece una *torre*, ¡es tan diferente! El fuste sale directamente del suelo, y sólo la antecede un pabellón -un ligero atrio- que no puede hacer mucho para estabilizar el conjunto. Sobre todo, porque el coronamiento avanza los seis últimos pisos en todas direcciones -en un impetuoso voladizo- como en una exagerada *torre* medieval.

Ha querido trascender las normas establecidas y mezclar usos: oficinas, viviendas y comercio. Es, en este sentido, un edificio híbrido. Pero en la mescolanza y en la forma nos interroga sobre el sentido profundo de *torre*. ¿Es sólo un instrumento para demostrar poder y vanidad o -como sugiere *la Velasca*- un edificio que condensa símbolo y memoria y, a la vez, desarrolla la técnica y atiende al contexto? Quizá sólo estando pendiente de *la ciudad* y de los hombres podrá -como se propone- ser su referencia. M^a Luisa, desde el *Duomo* -del que la torre se postula *Campanile*-, de lejos, de cerca, desde los libros y *las postales*, *la torre* me obsesiona. Sólo espero cumplir un día mi deseo: conseguir contigo, juntos, coronarla y tocar, desde ella, el cielo.

Querido Josep,

En el pasado siglo, *Sarajevo* fue protagonista -dos veces- de la tragedia de **la guerra**. La primera -la *Gran Guerra*- quería sustituir los viejos imperios por nuevos. La segunda -la de *Bosnia*- borrar una sociedad compleja y tolerante de la que *Sarajevo* era claro paradigma. En su insistencia, una y otra, casi lo consiguen. Hemos conocido *la ciudad* con el otoño incipiente en los rostros y las hojas de los tilos, rehecha y tranquila sólo aparentemente. Y visto -por fuera y por dentro- *la Biblioteca*, quemada y vacía. Constatando que la cultura material allí depositada -compleja mezcla, como *la ciudad* misma- había sido aniquilada por completo. Hemos entrado en el túnel -excavado en el *Aeropuerto*- bajo la pista convertida en único espacio neutral y, encorvados, recorrido este cordón umbilical por el que *Sarajevo* recibía el alimento y la fuerza necesaria para la obligada defensa.

Pero, sobre todo, hemos ido a los viejos y nuevos cementerios y, mudos, rezado ante las lápidas nuevas, alineadas, todas con las mismas fechas, testigos elocuentes de la tragedia acumulada. Parece como si *Gavrilo Princip*, al acertar el disparo -cuando casi ya había renunciado al magnicidio- condenara a *Sarajevo* a ser una *ciudad* vinculada a la guerra funesta y a la muerte. De tal manera que nada -ni los *Juegos Olímpicos*, ni las flamantes *Embajadas*, ni el aroma dulzón de las flores de la tila- podrá exonerarla jamás del inmerecido estigma. Me gustaría, *Josep*, poder volver contigo a *la ciudad* resignada, para ayudar juntos -tu y yo- a liberarla de su prolongado asedio.



Fig. 2b Sarajevo 1992-2002

Foto: Zoran Filipovic

Ed . Zoro , Sarajevo . 148.106 mm

R.P. 2006

C1 Grattacielo Velasca < LA CIUDAD IDEAL

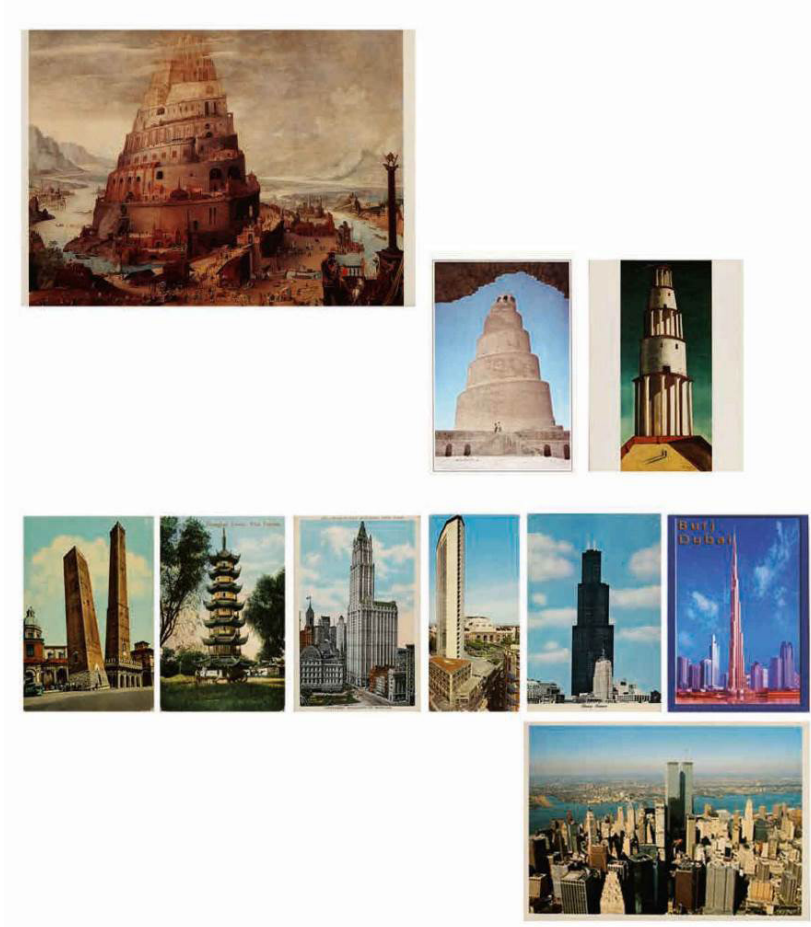


Fig. 3a. Mosaico de postales, C1 Grattacielo Velasca

Desde *Babel* el hombre ha construido **las torres** para mostrar su voluntad de poder mirar -de lejos- la tierra y -de cerca- los dioses. Levantar la más alta, es aún prueba de solvencia económica y técnica. Ostentarla, garantía de envidia. Así, es notoria la obsesión de *Dubai*. Sorprende la similitud inevitable de todas ellas. La piedra o el ladrillo han dado paso al acero y al vidrio, pero la condición constructiva parece pautar su forma y su unicidad. Por eso, la excepción hace atractivas las *Torres Hermanas* de *Bolonia* -distintas en inclinación y grosor-. La silueta de la *Pirelli*, de *Milán*, supera la afiliación geométrica. Más que *torre*, es un bloque de fachadas afinadas hasta el límite. *Las Gemelas* de *Nueva York* fueron símbolo de *ideal de ciudad* y de previsible tragedia. Es tema fácil -por abundante- y con sólo diez *postales* se consigue hacer con ellas un relato. Son -como la guerra- señal y voluntad de diferencia extrema que puede llevar al conflicto.

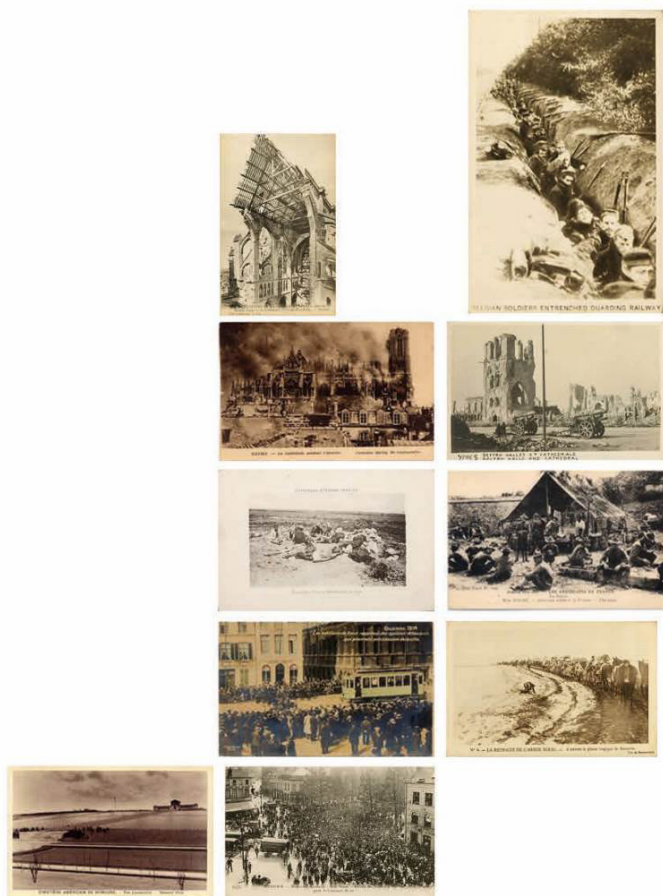


Fig. 3b. Mosaico de postales, C1 Sarajevo 1992-2002

Se comparan con las de la *Gran Guerra* porque la postal hizo fiel **crónica** de ella. En efecto, los fotógrafos alcanzaron todos los frentes de la contienda y las postales, más que las ilustraciones de la prensa -todavía grabados- documentaron la tragedia. Es una *crónica* insólita, sin reparos ni pudor. Y sus *imágenes* -siempre *robadas*- transmiten un profundo realismo. Muestran las trincheras belgas, con los hombres preparados para repeler o iniciar el ataque. Muy cerca, los americanos comen sopa. La llegada de los soldados -los vivos- a *Roubaix*, se reproduce con tanta naturalidad como la ocupación de *Gante*. Y los cementerios o las ciudades en llamas son contrapunto y consecuencia. Es la guerra con las postales más fidedignas y, a la vez, con más muertos en los campos de batalla. Terrible y extraña coincidencia.

Cara Ágata,



Fig. 4a. Le musée d'Orsay.

La peinture du salon, 1880-1890

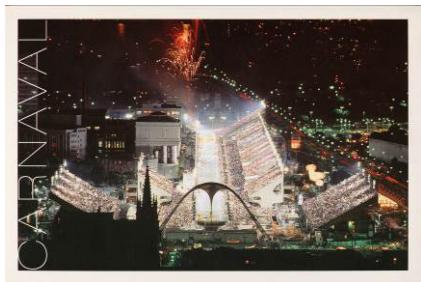
Ed . Réunion des musées internationaux ,
Paris , 1987 .150 x 100 mm .

R.P. 1987

Tras pasamos -juntos- el pórtico y la puerta y -boquiabiertos- entramos en el templo como si fuera la primera vez. Nos guiaba la luz que desde el óculo -como faro en lento movimiento- se proyecta, según la hora del día, en los casetones, las capillas o el suelo. Estábamos bajo **la cúpula** más perfecta construida por el hombre en su deseo por condensar la bóveda celeste. Desde entonces, *Roma* ha sido la *ciudad de las cúpulas*: coronan todos sus templos. Las de *Bernini*, *Borromini* o *Miguel Ángel* son las de más pedigrí pero, ya antes, el *Panteon* había transferido conocimiento y técnica a otras *ciudades* que se aventuraron -también- a construirlas, cada vez más amplias y esbeltas: *Constantinopla*, *Jerusalén* y, sobre todo, *Florenia*, elevaron las más insólitas, por significado y medida.

Muchas *ciudades* quieren -como *Roma*- ser nuevos centros del mundo. *París*, lo consigue. Y su *Panteón* -mejor aún, su *cúpula*- tiene tanto éxito que se convierte en modelo de capitolio -del de *Washington* y de casi todos los de *América*-. *La Madeleine* es un templo griego sólo en apariencia -está cubierto por *cúpulas*-. También lo están la *Biblioteca de Labrouste* o la *Estación de Orsay*. *Ágata*, esta *imagen* de pilares finísimos y *cúpulas* sutiles, convertidas ahora en insólito museo, me lleva a evocar aquella entrada nuestra en el *Panteon*. Pero si, en *París*, las *cúpulas* multiplicadas y la imaginación de G. Aulenti han convertido el espacio del museo en laberinto, en *Roma* -por fortuna- las *cúpulas* otorgan, todavía, la condición de vacío incuestionable al espacio que protegen, ojalá perennemente.

Querida Marta,



**Fig. 4b. Río de Janeiro.
Sambódromo**

Foto: Néilton Vasconcelos .

Ed . Fotófilas , 2006. 150 x 100 mm

R.P. 2009

Sólo el *Sambódromo* es la calle de **la fiesta**. En efecto la obra de *Oscar Niemeyer* es una larga calle-escenario de doble grada y más de 700 metros, donde las escuelas de samba ensayan y, por *Carnaval*, desfilan con el orden de una parada militar. Lo hacen con la piel desnuda como uniforme obligatorio; miles de lentejuelas en lugar de medallas; las armas convertidas en penachos y la samba como partitura única. Así convierten el espectáculo en una suerte de parodia. Parece como si esta calle-teatro condensara la energía de *la fiesta*. Pero pronto se hace patente la evidencia: el *Sambódromo* es sólo un artilugio, una excusa perversa, para poder secuestrarla de la calle -su medio-. Pues *El Carnaval*, a pesar de ser una fiesta transgresora, debería ser urbana y libre por completo.

Para mí, la verdadera fiesta de *Río de Janeiro* fluye por doquier. Está en la naturaleza exuberante, compitiendo con *la ciudad* y su energía. Exuda a través de la piel brillante, siempre joven, de las mujeres; amara los jardines fragantes, regados de lluvia fina y se condensa en la insólita paleta de pigmentos con los que *Burle Marx* pintó calles, plazas y aceras infinitas. Sólo quisiera, *Marta*, cualquier día, volver juntos a Río y hacer allí una estancia larga: en sus paseos, en las cimas de sus insólitas montañas, en sus estadios, en sus viejas iglesias -ahora museos- y en las playas -sus verdaderas plazas- para saborear, como mezcla de mil frutas, la savia de *la ciudad* más placentera y vital que hemos conocido. A pesar del *Carnaval*.

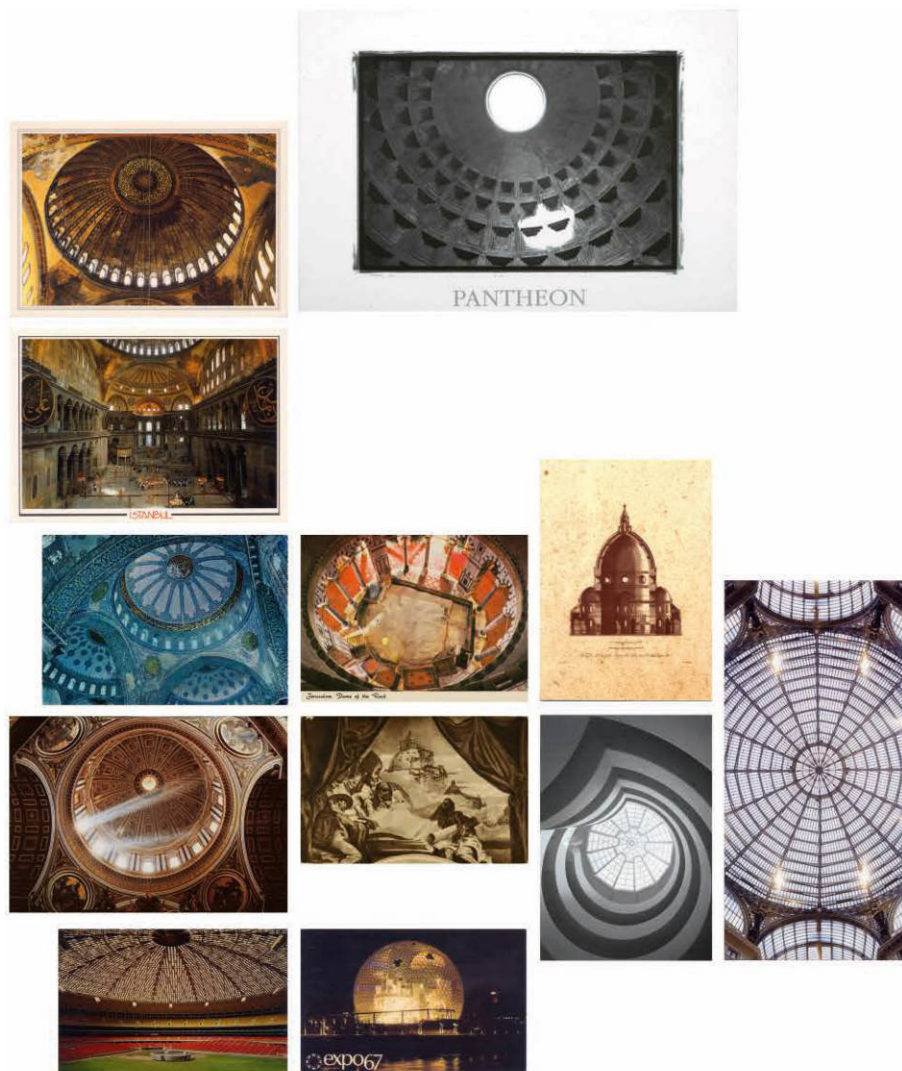


Fig. 5a. Mosaico de postales, C2 Le musée d'Orsay

El *Panteon*, inevitablemente, encabeza la serie de doce *postales-imagen* de **cúpulas**. Están vistas desde dentro y desde abajo, explicando así la consecución del diáfano espacio. Sólo la de *Jerusalén* mira la *Tierra Sacra*, y la de *Florenia* muestra su novedosa sección. En el pasado *las cúpulas* sólo cubrían los templos. Ahora, además de los de los dioses, coronan los grandes espacios donde se reúnen los hombres para practicar el comercio o el ocio, en construcciones que son -de hecho- nuevos templos. En todas está presente la condición de tecnología apurada y de riesgo. Las arquitecturas que

las poseen cuentan entre las más meritorias. *Las postales* les son fieles. Y cuesta poco hacer, con ellas, categoría y colección.

C2 Carnaval. Sambódromo < LA CRÓNICA URBANA

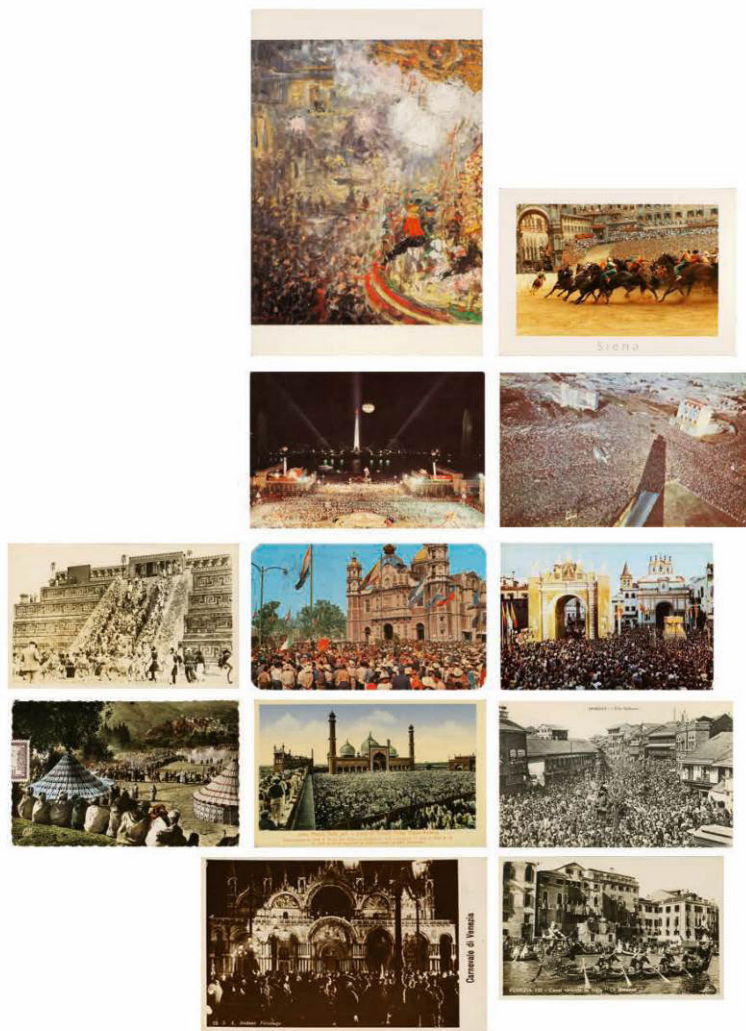


Fig. 5b. Mosaico de postales, C2 Carnaval. Sambódromo

Se comparan con diez *postales* de ciudades en *fiesta*. Muestran multitudes reunidas, como un ritual establecido, en lugar y fecha convenidos. Es condición inevitable de los hombres contravenir la rutina y, con nuevas reglas -las de *la fiesta* misma-, recuperar una libertad ficticia. Así, pautan las previsibles estaciones y la vida colectiva; evocan victorias y celebran -puntuales- todas las revoluciones. Se sirven de espacios capaces de acomodar

el evento. *Las imágenes*, por fuerza, son vistas aéreas o tomadas de manera que muestren la multitud -protagonista de *la fiesta*-. Las mejores, relacionan sujeto con objeto y son *crónica verdadera*. Sea en *París*, *Bombay* o *Venecia*, a *la postal* le place mostrar -como en la pintura de *K. Van Dongen*- *la ciudad*, exuberante de *fiesta*.

Comparación 3



Fig. 6a. Teatro Olimpico (IV).

La Porta Regale
(**A. Palladio** , 1580)

Ed . No consta . 147 x 104 mm .

R.P. 1983

Querido Lluís,

Palladio imaginó y maduró, durante más de 40 años, *la idea* de teatro. Estudió y dibujó los de *Vitrubio*. Admiró el de madera, de *Serlio*. Él mismo construyó uno -provisional- en *Venecia*. De forma que, cuando recibió el encargo definitivo, pocos meses antes de su muerte, planteó el proyecto -complejo y difícil- de una forma tan natural que sobrecoge y emociona. En efecto, saber encajar dentro de la vieja cárcel medieval vicentina un teatro que es el espacio-síntesis de la teoría de la perspectiva y de *la ciudad ideal*, no es sólo demostración de habilidad. Es la última lección magistral de arquitectura de *Palladio*.

Él dibujó el proyecto y empezó la obra pero no pudo terminarla. Lo hicieron sus dos hijos, el natural -*Silla Palladio*- y *Vincenzo Scamozzi* -el verdadero heredero-. Esto importa poco ahora. El *Teatro Olímpico* es la última obra realizada, intacta y, quizá, la más perfecta de *Palladio*. Lluís, la postal del teatro -que te envío- es una imagen de la calle central. Prescinde del "*frons scaenae*" y concentra la mirada en la fuga forzada, que condensa *la perspectiva* y la simetría y, al mismo tiempo, la civilización, el futuro y el infinito. Lluís, sólo deseo que, llegado el día en que -de tu mano- *Edipo rey* vuelva al *Olimpico*, podamos -juntos- admirarlo y aplaudirlo.

Cara Magdalini,



**Fig. 6b. Salonique. Incendie
de 18-19-20 Août 1917.**

Place de la Liberté,

Club des Libéraux

Ed . Parisiana , Paris . 141 x 90 mm .
T.H. 2009

Hacía tiempo, casi 100 años, que la *Atenas* liberada y griega hacía escarnio a la *Tesalónica* cosmopolita, pero aún turca. Ahora, de repente, *la ciudad* podía decidir si quería ser helénica o contemporánea. Decidió que ambas cosas. Y, para conseguirlo, se amparó en un plan francés: formalista, pero racional y solvente. *Auguste Leon* y *Stephane Passet* habían dado fe, unos años antes, ampliamente, de la vida de *la ciudad* -macedonia, bizantina, sefardí, turca- ahora quemada. También las postales -sin pudor- dan noticia puntual de la catástrofe y sus consecuencias. Son verdadera crónica. Deseo, Magdalini, que esta imagen sea -tanto para ti, como para mí- sólo memoria y documento, en ningún caso auspicio de nueva tragedia.

C3 Teatro Olímpico. La Porta Regale < LA CIUTAT IDEAL

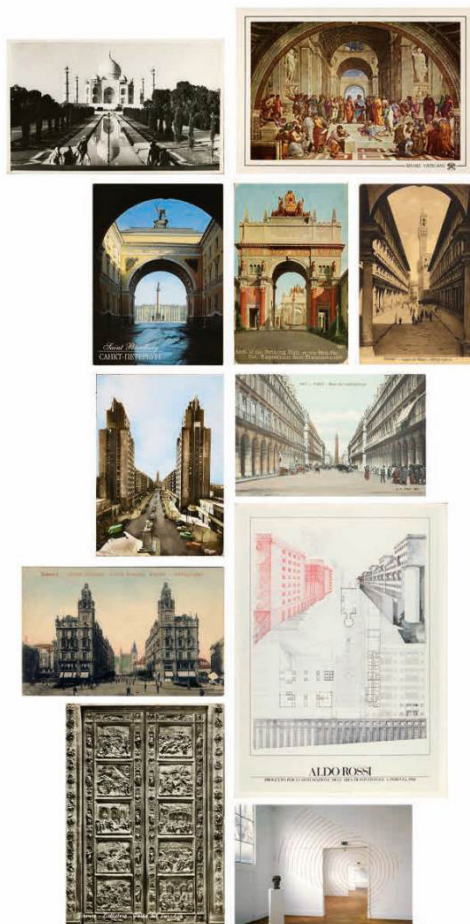


Fig. 7a. Mosaico de postales, C3 Teatro Olímpico. La Porta Regale

Once *postales-imagen* explican la geometría como pauta de composición de *la ciudad* y la arquitectura. **La perspectiva** supone orden y equilibrio e, incorporando centralidad y dualidad, permite al espectador -adecuadamente situado- capturar el infinito. Para ello, precisa masa o elementos, profundidad de campo y centrar la imagen. Para obtener una disposición equilibrada, se sirve de puertas y arcos superpuestos, torres reiteradas, fachadas idénticas, que llevan a la repetición y a la dualidad. O del agua, que refleja y duplica. Por eso inquieta la composición de *F. Varini*, “*angle au rectangle*”: *la perspectiva* de las puertas se superpone a la de los círculos. Los focos coinciden, pero difieren las formas. Apura *la perspectiva* de *Ghiberti*. *Las postales* buscan *las imágenes* compuestas con orden, equilibrio y simetría, que aventajan -en número- a las de cualquier otro punto de vista.

C3 Incendie des 18-19-20 Août 1917 < LA CRÓNICA URBANA

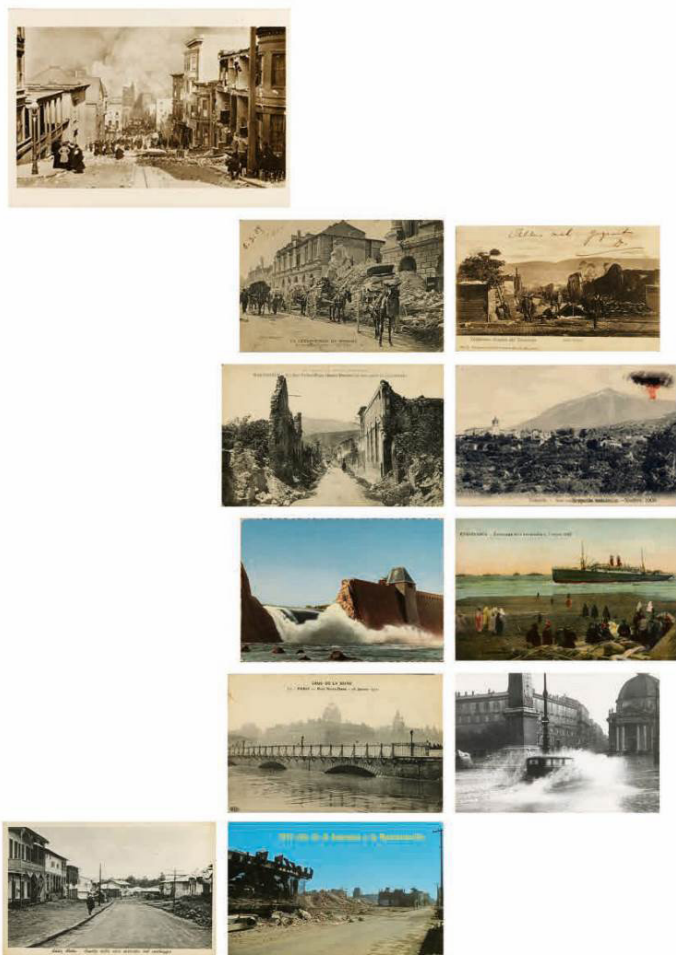


Fig. 7b. Mosaico de postales, C3 Incendie des 18-19-20 Août 1917

Se comparan con once postales de crónicas de **catástrofes** naturales. Sólo una -la de *Addis Abeba*- relata la furia de los hombres. Los terremotos duran poco, pero alteran mucho. En *Valparaiso*, *Mesina* o *San Francisco* la postal fue vehículo de crónica fiel. De *Haití*, no hay postales. Sí, de *Managua*. Y sorprende su reverso: habla -un año después- de reconstrucción y esperanza. Los volcanes humeantes son especialmente fotogénicos. Los efectos de la lava, mucho menos. Las aguas desbocadas, en *París* o *Roma*, apenas destruyen, pero la imagen del dique roto holandés es de devastación. Sorprende la del buque *Venezuela*, varado -el 7 de marzo de 1920- frente a *Casablanca*. Es la postal diligente, la que se adelanta a cualquier otra imagen-crónica insertada en medios menos ágiles.

Querido Rafael,

Erecteo no era hijo de *Atenea*. Había nacido de *Gea* -la Tierra- fecundada por el inoportuno semen de *Poseidón*. Pero la *Patrona de Atenas* quiso tenerlo cerca y creció en la *Acrópolis*, ahijado por *Cécrops* -la serpiente-. Y, sin embargo, el *Erecteion* no formó parte del programa de *Pericles* para reconstruir la *Ciudad Alta* después de las *Guerras Médicas*. Al contrario que el *Partenón* y los *Propileos*, fue propuesto por la *Asamblea* para acoger los cultos de carácter crónico que había acumulado la montaña y que no tenían cabida en los nuevos templos. Su situación subordinada en la *Acrópolis* y la dificultad del terreno, desnivelado y ya ocupado, explican -según *Pausanias*- la complejidad de la planta de *Mnesicles*, que había construido ya los *Propileos*. De hecho, el *Erecteion* no es un templo, sino un recinto con tres pórticos, varios altares y santuarios, *Las Tumbas de Erecteion* y *Cécrops*, *La Fuente de Agua Salada* -abierta en la roca por el tridente de *Poseidón*- y *El Olivo Sagrado de Atenea*.



Fig. 8a. Caryatides.

Ed. Eleftheroudakis & Barth, Athènes.
141 x 90 mm.

T.H. 2008

Me gustaría, *Rafael*, hacer el viaje que un día propusiste, e ir juntos a *Egina* -al *Templo de Afaia*- y al silencioso *Valle de Bassae* -camino de *Olimpia*- y, a través del *Mar de Olivos de Itea*, subir a *Delfos*. Propongo entrar en *Atenas* al alba y -de la mano de *Pikionis*- alcanzar los *Propileos*. Y reseguída -sin prisa- la *Acrópolis*, gastar la última luz en el *Erecteion*. Será homenaje a su condición de monumento y de edificio flexible -en forma y **estilo**- donde posición, orden y estructura se subordinan a usos y a contexto, sin renunciar ni a la autoría ni al carácter, como la fotogénica postal de *Las Cariátides* que te envío, sugiere.

Queridísimas *Helena* y *Maria*,

Muchas *ciudades* -la mayoría- esperan ansiosas encontrar un motivo, un **evento**, que les permita y obligue a crecer y a repensarse. Emplean en ello todo tipo de esfuerzos, con la ciega confianza en que esta será su oportunidad para que la mirada del mundo, de sus ciudadanos y gobiernos, se fije en *la ciudad* preciada a la que fluirán, a la vez, la inversión y la autoestima. Otras *ciudades* parecen programadas. Encadenan, con acierto, eventos y cambios. Y cada nuevo sorbo, que sigue -inexorablemente- al anterior y antecede a los otros, deposita una capa de urbanidad que *la ciudad* -atenta- incorpora y aprovecha. De este tipo de *ciudades*, París es el paradigma.

La *Primera Exposición Universal* -la de 1851- confirmó *Londres* como capital del *Imperio* y del *Mundo*, con permiso de todos, excepto de *París*. Así, de manera alternativa, ambas ciudades -una y otra- organizaron las primeras exposiciones. *Londres* las consideró trascendentes -pero efímeras- y se preocupó por el contenido y la reversibilidad del espacio. *París*, con una actitud magistralmente organizada, las situó todas excepto una -la de 1907, en *Vincennes*- en el mismo lugar: a lo largo del *Sena*. De este modo, con la reiterada construcción de puentes, palacios, museos, jardines, hitos y símbolos, el entorno del río -y el propio río- se han convertido en el itinerario urbano por excelencia. *María* y *Helena*, espero y deseo que en un momento u otro de la vida -de manera dilatada o muy intensa- podáis disfrutar del *Sena* y sus *Riberas* -con tanta urbanidad acumulada- y, claro está, de *la ciudad* entera.



Fig. 8b. Exposition de 1900.
La Seine au pont de l'Alma

Ed. A. Taride, Paris.

138 x 90 mm.

A.Ve. 2001

C4 Caryatides < LA CIUTAT IDEAL



Fig. 9a. Mosaico de postales, C4 Caryatides

París quería tener más cúpulas que *Roma*. Lo consiguió y su *Panteón* fue modelo de muchos edificios, funcionales y simbólicos. Forma y significado han sido siempre ocupación de la arquitectura, pero alcanzan dimensión universal cuando los británicos incorporan **el estilo** a su mochila colonial. La tematización medievalista se inicia en *Londres* -en el *Tower Bridge* y el *Big Ben*- y avanza como reguero de pólvora. Se la considera señal de tradición y rigor técnico y es tan poco discutida en *Quebec* como en *Tigre* o *Simbla*. El *Parlamento* de *Budapest* busca un camino propio. Pero *Disney World* -en *París*, *Orlando* o *L. A.*- significa llevar la tematización al paroxismo. Ya *Neuschwanstein* -el modelo- fue una recreación exagerada. En un retorno pendular al clasicismo, *R. Bofill* se fija en la planta vaticana para proyectar en *Montpellier*. Actitud opuesta a la de *Bath*, referencia inevitable. *Las postales* valoran *el estilo* y con sólo doce, se confirma.

C4 Exposition de 1990. La Seine au pont de l'Alma < CRÓNICA URBANA

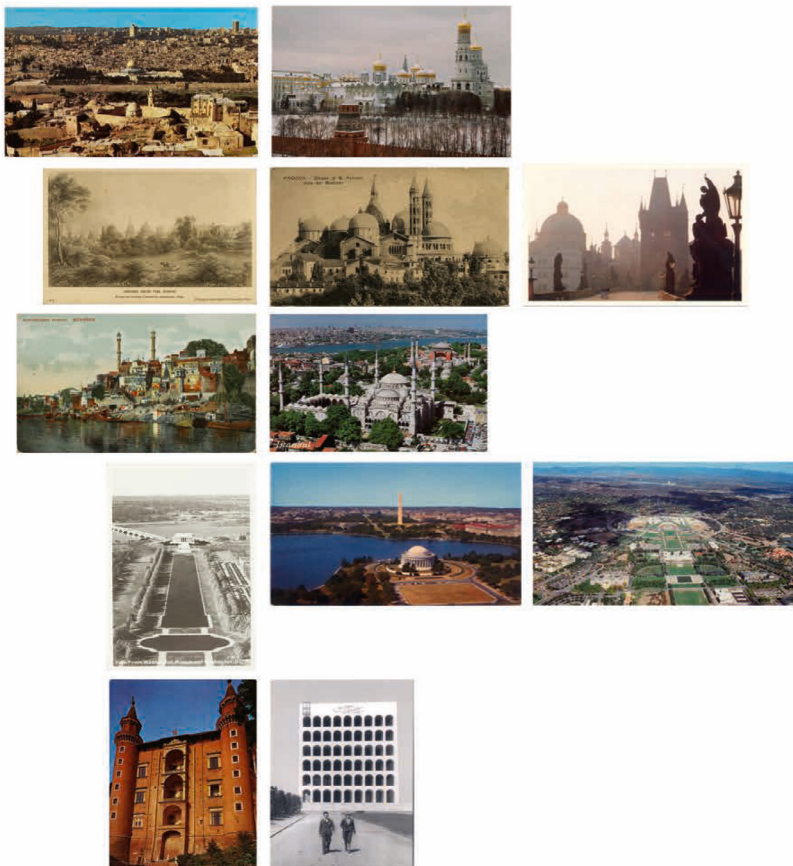


Fig. 9b. Mosaico de postales, C4 Exposition de 1990. La Seine au pont de l'Alma

Mientras, *la ciudad* aprovecha o inventa oportunidades para crecer y transformarse, aunque sea **a sorbos**. La visita del rey o la celebración de una victoria se asimilan a la fiesta. Acabadas, no queda sino el recuerdo de ellas. Tampoco una exposición o unos juegos deportivos son gran cosa. Sólo si son universales u olímpicos alargan vías, plantan jardines, y construyen barrios nuevos que -dificilmente- llegarán a ser un verdadero espacio urbano. Aun así, muchas ciudades han optado por crecer **a sorbos**. El mejor ejemplo-en mi opinión- es el *Parque Olímpico de Múnich*: un vertedero transformado en emblema de innovación eficiente. *La postal*, puntual, siempre da cuenta de todos los eventos urbanos y de sus consiguientes **sorbos**.

Comparación 5



Fig. 10a. Princes street and gardens, Edinburgh Foto: E. Ludwig.

Ed. John Hinde Studio.

139 x 89 mm.

C.M. 1999

Querido Enric,

Seguro que subiste muchas veces a *Arthur's Seat* para poder ver, a la vez, *la ciudad* y el *Nuevo Parlamento*. Efectivamente, el *Viejo Castillo*, la *Royal Mille*, *Hollyrood* -el *Palacio de la Reina*- y, delante, anclado en puerto seco -como buque de la *Escuadra de Escocia*-, el *Nuevo Parlamento* son visibles desde esta roca como desde ningún otro lugar.

Calton Hill es menos alta y más urbana. La vista que te envío está tomada desde allí y quiere mostrar *Edimburgo* en toda su complejidad de formas e ideales de belleza. La *ciudad vieja* está a la izquierda. La nueva, el ensanche de *J. Craig*, con *Princes Street* -la media calle más bella del mundo-, a la derecha. En el centro de *la imagen*, el valle verde, otrora vacío, está ocupado por el tren, la estación, el museo nacional -un templo clásico- y el memorial de *Sir Walter Scott* -una estructura neogótica exagerada y ennegrecida- construyendo una mezcla, tan insólita, como profundamente armónica.

Quizás sólo tú podías entender que un proyecto tan simbólico como el tuyo en la ciudad ideal, acostumbrada a la empática mezcla, debía estar lleno de referencias y, al mismo tiempo, convertirse en algo propio y reconocible para poder, amparándose en la nueva arquitectura, sintetizar y expresar la idea de país, viejo y nuevo. Quizás sólo tú, Enric, sabías de la generosa exigencia que *la ciudad ideal* impone y significa.

Queridas Zaidas, Mishal y Simón,



Fig. 10b. Buenos Aires. Calle Florida

Ed. Foto K.

140 x 90 mm.

C.H. 2006

Vuestra *ciudad* me produce una sensación agri dulce. Ni su inmensidad, tejida con tramas de medidas siempre diferentes, pero magistralmente ensambladas; ni las plazas y jardines plantados de jacarandas, botellas y tipas, los árboles que florecen -abundantemente- a la entrada del verano; ni los edificios, tantos, tan buenos o más que los de *París* o *Barcelona*, nada alivia la sensación de *ciudad* vacía, yerma, a la que le falta, al menos, toda una generación. Perdida, desaparecida.

Por ello me ha gustado encontrar esta *postal*, con una *imagen* de *Florida* -ya entonces vía peatonal- llena de gente que pasea, bien vestida, y se mira-admira satisfecha, reflejada en las cristalerías de los escaparates. Es la cara buena de *Buenos Aires*, la de la modernidad extrema, compitiendo con *Nueva York* por ser *la ciudad* más vital de *América*. Las *imágenes* de *Horacio Coppola* lo certifican de manera emocionante. Y sorprenden, sobre todo, al pensar que coincidían -en el tiempo- con las nuestras de posguerra. ¡Qué llena de vida estaba la ciudad entonces! Estoy seguro de que vuestros viajes de ida y vuelta le restablecerán la energía. El resto es cosa de la tierra infinitamente abundante y fértil y, sobre todo, cosa tuya, *Simón*. Tu ciudad -exhausta- te espera anhelante.

C5 Princes street and gardens < LA CIUTAT IDEAL

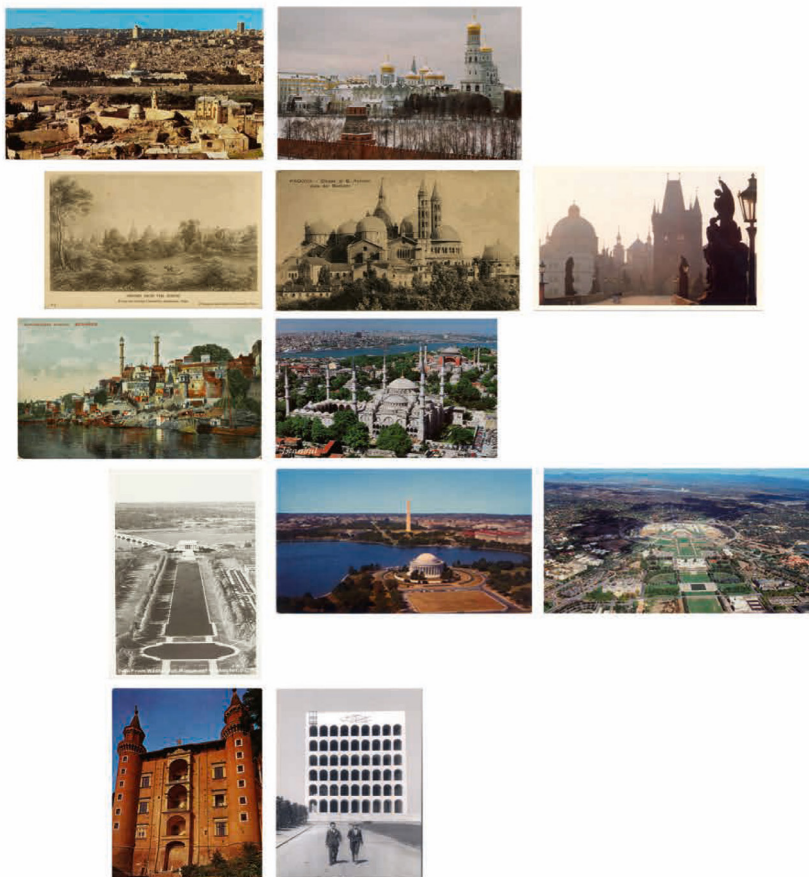


Fig. 11a. Mosaico de postales, C5 Princes street and gardens

La primera *ciudad*, la más *idealizada*, es *Jerusalén*, por su significado y simbolismo. Pero toda *ciudad* es buena, por el hecho de serlo. Y *Atenas*, *Roma* o *Constantinopla* heredaron esta condición. Algunas **ciudades ideales** están abocadas a un destino que las caracteriza: el poder, la ciencia, la religión o la muerte. *Washington*, *Canberra* o *Brasília*, han usado la geometría, la perspectiva y la innovación para convertirse en capital y en paradigma. Ahora parece que preferimos *la no ciudad* -*Las Vegas*, por ejemplo- donde se propone subvenir toda regla establecida y el ideal de belleza es sólo la acumulación, efímera, de formas, sentimientos y emociones. *La postal* -vicaria neutral- se hace cómplice del hecho y, en doce *imágenes*, lo explica.

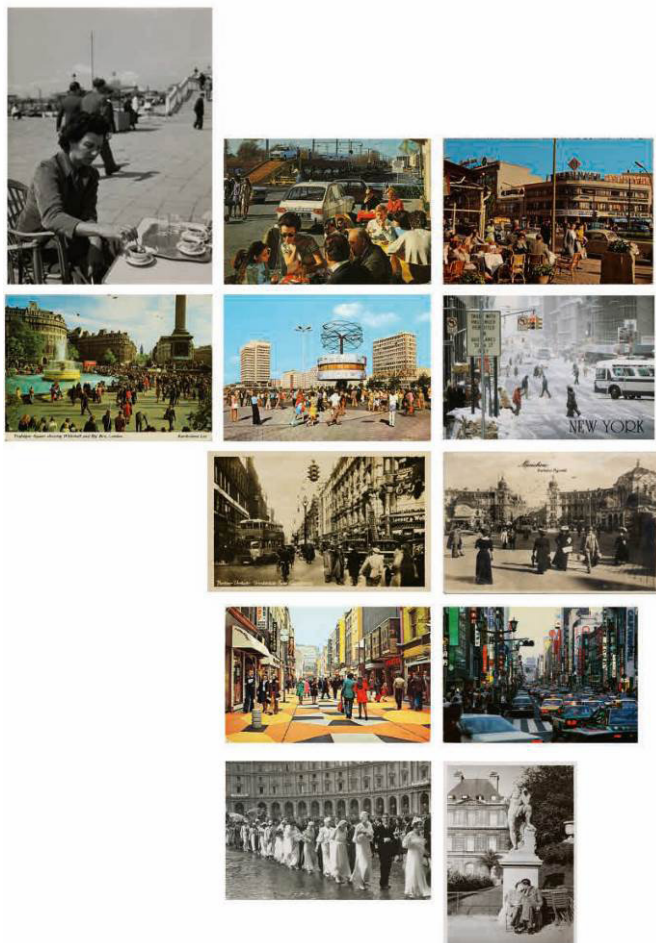


Fig. 11b. Mosaico de postales, C5 Calle Florida

A su vez, otra docena muestra *la ciudad* como escenario de *la vida cotidiana*. Nada mejor que tomar café con Peggy Guggenheim en *la Riva degli Schiavoni*. Reunirse junto al reloj, en *Alexanderplatz* – con todas las horas del mundo al alcance-, o ir de compras a *Carnaby Street*. Todas *las postales* se fijan en la gente que, en movimiento o quieta, centra la atención y *la imagen*. Y *la ciudad*, amable y soleada, aunque no siempre -fijense en la de invierno en *Manhattan*-, es fondo, pero ya no protagonista. Algunas actitudes parecen *poses*. La primera lo es, seguro; también las bodas colectivas en *Piazza Esedra*. Y, quizás, *El beso* en el *Jardín du Luxemburg* aunque quiere parecer *robada*. *La postal*, que ha demostrado poca estima por *la ciudad habitada* y, tantas veces, la ha hecho viajar yerma y vacía, en este capítulo le devuelve **la vida**.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuísmo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

D

Deleuze 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

H

Hardware 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

P

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

Q

Queenship 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

R

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

S

SAT 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

Software 62, 199, 202, 206, 207, 208

T

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184





U

Urbanismo 307, 308

V

Vedānta 232, 233, 236, 240

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br